

## ERLICHIOSE CANINA – REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

THOMÉ, Jamilli Pelegrefi  
LIMA, Júlia Eduarda Teixeira  
KROLIKOWSKI, Giovani

### INTRODUÇÃO

A erliquiose canina é uma doença infecciosa de grande relevância na medicina veterinária, causada pela bactéria *Ehrlichia canis*, um parasita intracelular obrigatório da família Anaplasmataceae. O principal vetor é o carrapato marrom (*Rhipicephalus sanguineus*), que atua como reservatório e facilita a disseminação da doença em ambientes domésticos. Transmitida menos frequentemente, por transfusão de sangue infectado. Distribuído em todo o Brasil, o carrapato contribui para o aumento significativo da incidência da erliquiose canina. Todas as raças de cães são susceptíveis à infecção, sendo os filhotes mais vulneráveis (STIVAL *et al.*, 2021).

Além de seu impacto na saúde animal, a erliquiose canina apresenta relevância zoonótica, já que cães infectados podem transportar carrapatos para o ambiente doméstico, aumentando o risco de transmissão para seres humanos. A prevenção contra o parasitismo por carrapatos é, portanto, fundamental para a saúde dos animais e para a segurança das pessoas (GARCIA *et al.*, 2018).

Esse trabalho tem como objetivo revisar os principais aspectos epidemiológicos, clínicos e preventivos da erliquiose canina.

### DESENVOLVIMENTO

O *E. canis* infecta monócitos, comprometendo o sistema imunológico, e pode provocar vasculite, aumentando a fragilidade capilar. Afeta cães de todas as raças e idades, sendo mais grave em animais imunossuprimidos, e evolui em três fases: aguda, subclínica e crônica (GARCIA *et al.*, 2018; STIVAL *et al.*, 2021; MACEDO e LIMA, 2023).

A fase aguda caracteriza-se por sinais clínicos que variam de leves a moderados, geralmente inespecíficos, como febre, depressão, vômitos, diarreia, anorexia e taquipneia. Também podem ocorrer petéquias, que junto de achados como linfadenomegalia e esplenomegalia, auxiliam na suspeita diagnóstica (GARCIA *et al.*, 2018; MACEDO e LIMA, 2023).

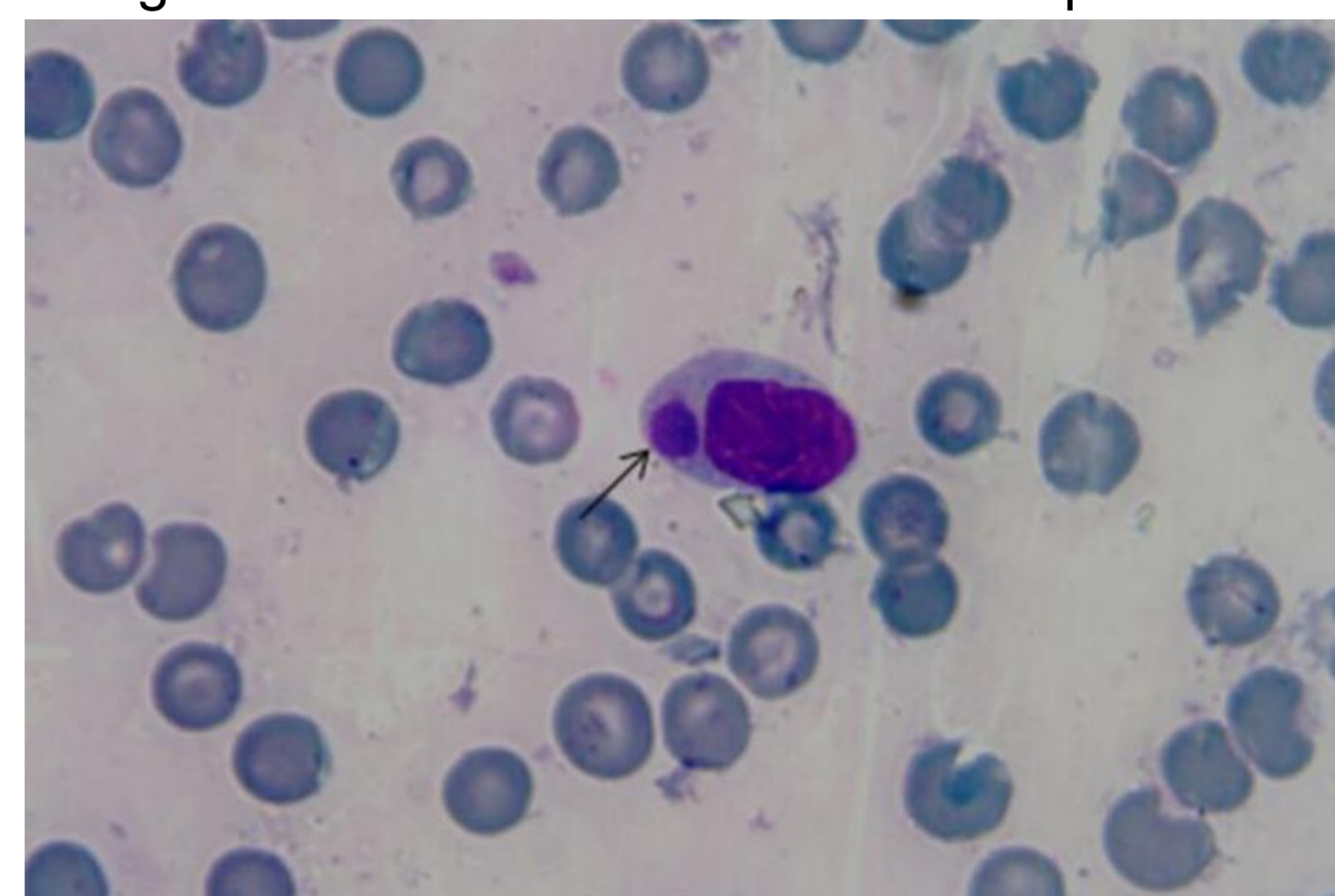
Na fase subclínica, o animal aparenta estar recuperado, mas o agente permanece no organismo. Os sinais são discretos ou quase imperceptíveis, o que dificulta a percepção do tutor e favorece a progressão para a fase crônica. Essa condição pode durar meses ou anos, sendo marcada pela ausência de alterações hematológicas expressivas, mas com elevação dos níveis de anticorpos (GARCIA *et al.*, 2018; STIVAL *et al.*, 2021; MACEDO e LIMA, 2023).

Na fase crônica, o *E. canis* se manifesta de forma mais grave, semelhantes a doenças autoimunes. O animal pode apresentar mucosas pálidas, emagrecimento, edema periférico, febre, além de hepatomegalia, esplenomegalia e linfadenopatia. Alterações reprodutivas e comprometimentos oculares, como uveíte e cegueira, também são possíveis. Nos exames laboratoriais, observam-se monocitose, linfocitose, trombocitopenia persistente e anemia arregenerativa

(GARCIA *et al.*, 2018; STIVAL *et al.*, 2021; MACEDO e LIMA, 2023).

O diagnóstico é feito a partir da anamnese, exame físico e laboratorial, PCR, RIFI /ou mórulas em esfregaço sanguíneo de região de ponta de orelha (Imagem 1). As mórulas podem ser identificadas entre 12 e 15 dias após a infecção. O diagnóstico diferencial para Babesiose e Leishmaniose (GARCIA *et al.*, 2018; STIVAL *et al.*, 2021; MACEDO e LIMA, 2023).

Imagem 1 – Monócito canino infectado por *Ehrlichia sp.*



Fonte: GARCIA *et al.*, 2018.

O tratamento da erliquiose canina baseia-se principalmente em antibióticos da classe das tetraciclina, sendo a doxiciclina a mais utilizada devido à boa absorção intestinal e alta concentração intracelular. Recomenda-se, no mínimo, 21 dias de tratamento, com dose de 10 mg/kg SID ou BID. O manejo também inclui suporte dos sinais clínicos, como reposição hidroeletrólítica, vitaminas, antieméticos e, quando necessário, transfusão sanguínea. Em casos graves, como risco de morte ou trombocitopenia intensa, podem ser indicados glicocorticosteróides (GARCIA *et al.*, 2018; STIVAL *et al.*, 2021; MACEDO e LIMA, 2023).

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

A erliquiose canina, transmitida pelo carrapato marrom, é uma doença multissistêmica que afeta cães de todas as idades. Além do impacto na saúde animal, possui importância zoonótica, reforçando que a prevenção eficaz e o conhecimento sobre a doença são essenciais para proteger tanto os animais quanto os seres humanos.

### REFERÊNCIAS

- GARCIA, D. A.; MARTINS, K. P.; CORTEZI, A. M.; GOMES, D. A. Erliquiose E Anaplasmose Canina-Revisão De Literatura. **Revista Científica Unilago**, v. 1, n. 1, 2018.
- MACEDO, L. P. F.; LIMA, M. F. Erlichiose Canina: Uma Revisão De Literatura. **Revista Científica Mais Pontal**, v. 2, n. 1, p. 118 – 127, 2023.
- STIVAL, C.; SUZUKI, E. A. D.; OLIVIRA, I. G.; CARMO, V. F. Erliquiose monocitotrófica canina: Revisão. **Pubvet**, v. 15, n. 1, p. 1 – 7, 2021.